

# **O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO NO QUADRO DOS ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS**

Lena Lúcia Espíndola Rodrigues Figueirêdo (UECE/UFC)

lenalucia@uol.com.br

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste artigo é o de situar o Projeto Político Pedagógico (PPP) no quadro dos estudos de gêneros textuais, para caracterizá-lo a partir de sua concepção genérica. Ressaltamos que se trata de um recorte de nossa Tese de Doutorado, em que tematizamos as representações do papel docente, analisadas à luz do interacionismo sociodiscursivo. Como optamos por uma concepção teórica, cujo método de análises não toma os gêneros de textos como unidade de base específica e direta, também não o faremos aqui, assim como não iremos nos deter em descrições detalhadas a respeito deles. Achamos relevante apenas caracterizá-lo em seu gênero, uma vez que “toda manifestação verbal se dá por meio de textos realizados em algum gênero.” (MARCUSCHI, 2008). E que tipo de gênero é o PPP?

Concebemos o PPP como um construto sócio-histórico-cultural, inserido em circulação, numa dada sociedade, regido por ordenamentos institucionais e indexado no que Bronckart, (2007), designa de arquitexto.

Na construção de um texto empírico é basilar que se tenha o modelo de um gênero, pois são as representações sobre este referido modelo e a colocação em interface das representações quanto à situação de ação do agente (motivos, intenções, conteúdo temático) que vão fazer dele um texto pertencente a um determinado gênero.

Partindo dessa base teórica, no primeiro item do artigo, procuramos levantar um referencial capaz de dar conta das dimensões conceituais entre gênero e texto. No segundo item, a preocupação básica é com a identificação da natureza genérica de um PPP, com vistas a examinar, dentre outras, sua função social, sua recorrência de circulação e a materialidade de sua constituição. No último item, situamos a abrangência na caracterização de um PPP e examinamos em que aspecto ele pode ser caracterizado como um suporte específico, como partilha de uma constelação genérica e como colônia textual.

A relevância do trabalho se situa, sobretudo, no diálogo da versatilidade da teoria de gêneros, contribuindo a estudos com outras perspectivas linguístico-discursivas.

## PANORAMA TEÓRICO SOBRE GÊNEROS E TEXTOS

Para se chegar à concepção de gênero, parte-se, é claro, da definição de texto, como vimos em Marcuschi. Para Bronckart (2007), na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente, tendo em vista objetivos, interesses e questões específicas nas formações sociais. Estas, então, elaboram diferentes espécies de textos, com características relativamente estáveis, que ficam indexados para os contemporâneos e para as gerações posteriores.

Tomando, então, como referência a concepção bronckartiana, adotamos a definição de **texto**, concebendo-o como “ toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão **gênero de texto** em vez de gênero de discurso.” (BRONCKART, 2007, p.75) (o grifo é do autor).

Para Bronckart (op.cit.), os gêneros, dada a sua interdependência com as atividades humanas, são múltiplos ou mesmo infinitos. Os segmentos que entram na sua composição é que são finitos, podendo ser identificados por suas características linguísticas. Estes segmentos são colocados em forma discursiva, por isso chamados de discursos e pertencem ao domínio dos tipos (tipos de discurso).

Para produzir um texto, o agente verbal precisa de certo conhecimento dos gêneros e dos tipos em uso, pois, como vimos, são eles uma espécie de modelos sociais ou exemplos-tipo que vão ser adaptados às situações de comunicação. Estes modelos servem de referência à produção de um texto singular, que, por sua vez, se caracteriza por modalidades particulares de aplicação dos referidos modelos, tudo dependendo da representação particular que o agente tem da situação em que se encontra. Portanto, cada produção textual se baseia: nos **recursos linguísticos** próprios dos tipos de discurso, das **decisões** relativas aos modos de aplicação dos modelos e conseqüentemente ao seu **estilo** próprio.

Em síntese: a organização e funcionamento dos textos dependem de situações de comunicação, de modelos dos gêneros, de modelos dos tipos de discurso, de regras do sistema da língua, de decisões particulares do produtor.

Diante do exposto, conferimos com Pontes e Santos (2011) que a análise de gêneros, nas últimas décadas, reforçada por pesquisadores e estudiosos, tem ressignificado seu enfoque que deixa de se centrar na estruturação textual, para a funcionalidade e para os contextos de produção desses gêneros. Eles não são apenas estruturas fixas, que podem ser descritas e categorizadas, com regularidades nos aspectos linguísticos, de estrutura formal e de conteúdo. Isto corresponde apenas à sua superfície. Os gêneros refletem os contextos sociais e culturais de sua produção e utilização.

Confirmando esta ressignificação na análise de gêneros, nos diz Bathia:

Os gêneros são definidos essencialmente em termos de uso da linguagem em contextos comunicativos convencionados, que dá origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados, que, por sua vez, estabelecem formas estruturais relativamente estáveis e, em certa extensão, até mesmo impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais (BHATIA, 2009, p.161).

Vemos aí, em Bhatia, três aspectos convencionais inter-relacionados, que têm sido relevantes na literatura sobre gênero: o que ele designa de recorrência de situações retóricas, propósitos comunicativos compartilhados e regularidades de organização estrutural. O primeiro aspecto, ainda segundo Bhatia, é mais ou menos<sup>1</sup> relacionado diretamente ao contexto sócio-cultural e situado em culturas disciplinares específicas. Ele vem imbricado ao(s) propósito(s) comunicativo(s) mutuamente compartilhado(s), associados a uma comunidade discursiva<sup>2</sup> em particular. Os propósitos comunicativos compartilhados são percebidos em usos típicos de formas léxico-gramaticais e discursivas. Eles constituem o ponto fundamental na definição de um gênero, segundo Araújo (2006).

Na construção e interpretação de gêneros, alguns aspectos são denominador comum: a recorrência, o compartilhamento ou regularidades, assim como o fato de serem convencionalizados, institucionalizados e permissíveis, como no caso de um PPP. Um gênero não é criado e inserido numa situação retórica de repente, da noite para o dia. As convenções dos gêneros são importantes para a manutenção da atmosfera comunicativa, segundo Bhatia, (op.cit.).

Para este autor, as fronteiras genéricas são fluidas e a análise de gêneros é extensiva ao meio social em que eles se inserem. Ao analisá-los, investigamos exemplares convencionais ou institucionalizados, realizados em textos, num contexto de práticas, procedimentos e culturas institucionais e disciplinares com suas especificidades. Portanto, os gêneros são socialmente construídos e controlados pelas práticas sociais.

---

1 A modalização de "mais ou menos" é do próprio autor citado.

2 Swales, 2009, trata de **comunidade discursiva** concebida como veículo de controle para a produção e administração dos gêneros, possuindo um conjunto perceptível de objetivos; mecanismos de intercomunicação entre seus membros; mecanismos de participação para uma série de propósitos, para o incremento da informação, para a canalização do ato de inovar, para a manutenção dos sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional.

A versatilidade da teoria de gêneros está na possibilidade de articular texto e contexto em sentido estrito, por exemplo, são as limitações próprias de um contexto educacional, mais especificamente de um determinado curso na universidade, que permitem identificar se um Projeto Político Pedagógico é ou não de determinado curso. O uso que as pessoas fazem da linguagem vai permitir identificar o contexto de cultura disciplinar específica. Ainda, dada esta versatilidade, podemos ter uma análise da relação entre língua e cultura a partir do estudo dos diversos propósitos comunicativos que vão permitir colocar essa língua em uso.

Relacionamos este aspecto da referida versatilidade com a decisão, tomada por nós, de escrever este artigo, para que ele sirva de referência ao nosso capítulo da tese, um capítulo específico para situar o PPP no quadro de estudos sobre gêneros textuais. Embora sem pretender aprofundar a questão, pois esta não corresponde ao nosso objetivo específico ou ao nosso foco de análise, este artigo, não poderia deixar de assumir um lugar diferencial no todo do trabalho, uma vez que a própria abordagem sobre gênero faz a interligação com os outros capítulos, dada a sua ampla visão quanto à relação de texto e contexto, língua e cultura, usos da língua e concepção de linguagem.

Há uma rica discussão, no campo dos estudos da linguagem, sobre esta questão de gêneros e a modalização que adjetiva ou qualifica a palavra em si “gênero”. Bakhtin, 1996, por exemplo, o designa de “gênero do discurso”. Ele entende que o caráter e os modos de utilização da língua são variados como as esferas das atividades humanas. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos. Conteúdo temático, estilo e construção composicional são fundidos no todo do enunciado<sup>3</sup> e marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação que elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso.

Um exemplo de unidade composicional está no tipo de estruturação e de conclusão de um todo do texto. Outro, no tipo de relação que se estabelece entre os parceiros da comunicação verbal: locutor, ouvinte ou leitor, interlocutor e até com os discursos dos outros.

Quando construímos nosso discurso, sempre conservamos na mente o todo do nosso enunciado. Entram em jogo a forma de um esquema correspondente a um gênero definido e uma intenção discursiva individual. Há uma combinação de propósitos comunicativos socialmente reconhecidos com intenções particulares.

O estilo é peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados às suas especificidades. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) em dadas condições geram um dado tipo de gênero ou um

---

<sup>3</sup> Bakhtin (1996) define enunciado como unidade da comunicação verbal, que se resume à expressão do universo espiritual/individual do locutor. Todo enunciado comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de cada início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim. Nossos enunciados estão repletos de enunciados dos outros, como num processo de assimilação frente à alteridade.

dado tipo de enunciado. O estilo não se separa do gênero, pois, na história dos gêneros, se se mudam os estilos, mudam-se os gêneros.

Esse mesmo autor diferencia os gêneros de discurso em primários (simples) e secundários (complexos), sendo estes formados pela absorção e transmutação dos primários. Como exemplo ele cita o romance: em seu todo é um enunciado secundário (complexo) que pode absorver um diálogo do cotidiano (primário) ou uma carta pessoal.

Ainda Bakhtin (1996) defende que compreender a inter-relação entre os gêneros primários e secundários, de um lado, e o processo histórico de formação dos gêneros do outro, na correlação entre língua, ideologias e visões de mundo significa chegar à natureza do enunciado, significa estabelecer o vínculo entre os enunciados e a vida.

Segundo Swales (2009), Bakhtin, apesar do mérito de perceber, numa união dinâmica, a linguagem sempre concreta e contextualizada, imensamente diversa em suas formas, arranjos e propósitos, é um analista de gêneros tradicional interessado mais em estudar o texto do que o ambiente do texto. Swales, seduzido pelo conceito de comunidade discursiva, apresenta um conceito amplo de gênero:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade discursiva e dessa forma constituem o fundamento lógico do gênero. Esse fundamento modela a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. (SWALES, 1990, P.58)

Mais especificamente sobre os gêneros, Marcuschi (2008) afirma que o domínio de um gênero textual não significa domínio de sua forma linguística mas a realização, pela forma linguística, de objetivos específicos em determinadas situações sociais. Para este autor, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e, como tais, são dinâmicos, com características quanto a funções, propósitos, ações e conteúdos. O importante na análise de gêneros é explicar como eles se constituem e circulam socialmente. Portanto, a relevância em caracterizar um PPP, em nosso trabalho, está muito mais na identificação de seus critérios de padrões comunicativos, nas ações prescritas através dele, seus propósitos e sua inserção sócio-histórica.

## **CONSTITUIÇÃO DA NATUREZA GENÉRICA DE UM PPP**

Iniciemos este item indagando: por que os que escrevem um PPP o fazem seguindo mais ou menos os mesmos passos, seguindo uma similaridade na estrutura composicional? Antes de mais nada, vale ressaltar que na resposta são envolvidas questões mais do que apenas socioculturais e cognitivas, como nos diz Bhatia (2009).

Os PPP vão circular em ambientes recorrentes e próprios com uma função pedagógico-social específica, qual seja, a de representar um planejamento organizacional que, além de apontar as finalidades, missão e objetivos do ensino na visão da instituição a que se destina, também orienta como será a sua execução, evitando-se, assim, que o trabalho educativo ocorra sem normas, regras e regulamentos.

A consolidação do projeto político pedagógico tem um marco na LDB 9394/96- (Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira). A partir dela, instituiu-se como medida legal esse instrumento, que deve orientar uma organização no sentido de reduzir os efeitos da divisão do trabalho, de sua fragmentação e do controle hierárquico. Pressupõe construção coletiva e implementação, também coletiva, do que ela propõe.

São seus propósitos, seu conteúdo temático, seus objetivos específicos realizados linguisticamente e organizados numa estrutura composicional, sua função sócio-pedagógica que determinam sua natureza genérica e lhe dão uma esfera de circulação, no caso dos PPP, nas instituições de ensino.

Portanto, a significação do nome do documento, a designação usada para este gênero Projeto Político Pedagógico vem de um conjunto de ações, sócio-historicamente determinadas. Projeto, porque propõe orientações sinalizadas por objetivos que visam a organização e apontam para o funcionamento, no caso dos que analisamos, dos Cursos de Letras de Universidades Públicas do Ceará. Político, porque dá o tom quanto ao tipo de profissional que o Curso quer formar. Envolve a ação de sujeitos sociais com potencial capacidade de dirimir problemas e implementar propostas de funcionamento. Pedagógico, porque apresenta as ações educacionais com perspectivas de conduzir à melhoria da qualidade do ensino.

No quadro a seguir, fizemos um levantamento de modalizações conferidas ao PPP, mostrando seu papel de essencialidade na constituição das escolas ou instituições de ensino de uma maneira geral, sejam em âmbito federal, municipal e estadual. No quadro, as modalizações estão agrupadas pela caracterização do PPP por suas funções e pelo caráter de instrumento, intermediador das referidas funções.

Representa planejamento organizacional; exerce também o papel de transformador social; tem caráter renovador na sua essência; traz informações sobre toda a estrutura organizacional e funcionamento da instituição, nos aspectos pedagógicos, administrativos, normas de funcionamento, proposta curricular, fins, objetivos, missão, princípios norteadores; apresenta toda a disponibilidade da escola ou instituição em termos de recursos humanos e materiais; nele constam todas as reais intenções da escola, sua vontade política de agir como instituição no sentido de cumprir suas finalidades; representa uma totalidade de práticas; pode ser entendido como a sistematização nunca definitiva de um processo de planejamento que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada; deifinidor do tipo de ação educativa que se quer realizar; elemento de organização e interação da atividade prática da instituição no seu processo de transformação; mediador de decisões, da construção das ações; norteia o trabalho por encaminhar ações para o futuro, com base na sua realidade atual e na sua história; tem função ideológica quando define o tipo de sujeito que pretende formar; dá o tom político ao projeto.

Documento sistematizador para nortear a educação; é o documento de maior completude na escola; retrata, como documento, a identidade da escola ou instituição mediante a prática das ações preditas e previstas; é um instrumento de diagnóstico e de transformação da realidade escolar, construído coletivamente; é o plano global da instituição; um instrumento teórico- metodológico para intervenção e mudança na realidade; constitui-se , como documento,num retrato da memória histórica construída.

A partir, então, do que foi exposto até aqui, sintetizamos, quanto à constituição da natureza genérica do PPP, que ele é um gênero textual, resultado de um composto de vários textos-segmentos (capas, folha de rosto, sumário, apresentação, justificativa, missão e objetivos, perfil do aluno, estrutura curricular, recurso materiais do curso, relação com outras instituições, informações adicionais, recursos humanos, anexos), incorporados sem perder a identidade de cada um, e que se articulam a partir de um propósito comunicacional unificador. Pertence à esfera do discurso pedagógico, ligado ao domínio discursivo acadêmico e educacional.

## **O GÊNERO PPP: SUPORTE, CONSTELAÇÃO E COLÔNIA**

A partir do que se registra sobre o PPP, como pensá-lo numa unidade metonímica de um todo genérico? Um Projeto Político Pedagógico, constituindo-se como um gênero textual, pode também exercer a função de suporte específico de textos que o compõem? Podemos inseri-lo numa constelação de gêneros? Como pensá-lo numa unidade genérica, quando examinamos que sua composição estrutural apresenta

vários documentos/textos, constituindo-se em vários outros gêneros textuais (capas, folha de rosto, sumário, apresentação, justificativa, missão e objetivos, perfil do aluno, estrutura curricular, recurso materiais do curso, relação com outras instituições, informações adicionais, recursos humanos, anexos)? Sendo assim, é possível caracterizar um PPP, então, como uma colônia discursiva, ou para seguir a coerência da designação Bronckartiana de gênero textual, como uma colônia de textos?

Para responder a essas indagações, começemos por definir a questão do suporte de gêneros textuais, pois partimos da premissa de que o PPP não é um mero suporte. Os textos que o compõem são aglutinados de tal maneira que formam um todo orgânico. Corresponde a um todo em que as partes ficam interligadas pela complementariedade do seu conteúdo. Não existe PPP sem, por exemplo, o texto da estrutura curricular, ou sem o texto que explicita a missão do Curso. Qualquer texto retirado compromete-lhe o caráter de completude. Um dicionário, por exemplo, segundo Marcuschi (2008) não é somente um portador de gênero.

No entanto, reconhecemos que os PPP terminam tendo a materialidade de um suporte específico, sendo veiculadores de textos. Por exemplo, no caso dos PPP analisados por nós, eles efetivamente são portadores, fixam e tornam acessíveis, para a instituição e fora dela, as estruturas curriculares dos Cursos. Então, em relação ao texto “estrutura curricular” há um grau de autonomia relativa dele no todo do PPP. Esta característica de relativa autonomia de alguns textos que compõem o todo do gênero textual PPP vai terminar influenciando na sua caracterização mais significativa, como veremos adiante.

Quanto à caracterização em relação aos gêneros que compartilham seu mesmo fenômeno formativo, afirmamos que com o PPP estamos diante de uma constelação de gêneros que compõem a memória prescritiva da educação brasileira e/ou o aparato da nossa legislação educacional.

Segundo Araújo (2006), uma constelação denota um conjunto de gêneros discursivos, ou textuais para Bronckart (2007), que formam um todo coerente, ligados por características comuns, porém com funções sociais distintas.

Para Marcuschi e Bakhtin há um caráter de familiaridade nos agrupamentos dos gêneros constelados. Concebemos com eles este aspecto da familiaridade e ficamos com Araújo (2006) para precisar e definir o referido aspecto. Para este, a constelação de gêneros é um agrupamento de situações sócio-comunicativas que se organizam por



meio de pelo menos uma característica comum à esfera de comunicação<sup>4</sup> que os congrega. Portanto o que constela outros gêneros com o PPP é fato de pertencerem à esfera educacional, uns com a função de legislar, como no caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) e suas leis complementares; de nortear a constituição das instituições de ensino, delimitando ações e papéis atribuídos aos membros da comunidade educativa, no caso dos PPP; de atribuir parâmetros para ações pedagógicas, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, as propostas e referenciais curriculares para os diversos níveis de ensino no Brasil e os documentos que formam o Sistema Único de Avaliação. São, portanto, os propósitos comunicativos distintos que diferenciam esses gêneros textuais na constelação. A partir de suas funções sociais, eles formam uma teia heterogênea desses propósitos.

O PPP surgiu do anúncio feito na LDB nº 9394, como exigência legal, evento comunicativo do aparato legal no sistema brasileiro. Essa LDB está na origem da constelação, a partir dela outros gêneros são criados. Ela foi gerada tendo em vista a necessidade de atualização das LDB anteriores, dada a dinâmica do processo de desenvolvimento sócio-histórico da realidade educacional brasileira. É por esta razão que Bronckart (2007) fala de instabilidade dos gêneros, uns podem desaparecer, mas podem depois reaparecer sob formas diferentes, outros se modificam e outros aparecem totalmente novos. Schneuwly (1994b) também constata essa adaptação constante por que passam os gêneros, de acordo com as novas necessidades humanas de comunicação.

O próprio PPP é da sua essência ser constantemente atualizado, modificado. Na universidade, por exemplo, como gênero textual acadêmico, em seu contexto de produção, envolve, entre outros aspectos de funcionamento da instituição, a política de formação de professores de todos os níveis da comunidade educativa. Ainda na universidade, alcança o âmbito da administração e da sala de aula, constituindo-se, assim, um importante documento para, por exemplo, garantir o adequado funcionamento de cursos de graduação. O dinamismo das atualizações referentes a tudo isso leva os PPP também a se atualizarem, a se modificarem.

Há fenômenos a serem analisados quanto aos processos de transformação ou até de transmutação como designa Bakhtin, que terminam determinando outros processos na produção de textos tais como hibridismo, mesclagem ou miscelândia de gêneros.

---

4 A expressão “esfera de comunicação” em Bakhtin corresponde a “domínio discursivo” em Marcuschi. Araújo (2006) opta por utilizar a primeira expressão.

Eles são geradores de constelações. Apesar de entender a relevância dessa análise, não podemos desenvolvê-la neste espaço por conta dos limites deste artigo.

Depois, então, de apresentar a natureza de suporte num PPP, sua relação com seus “Congêneros”<sup>5</sup> constelados, passemos, agora, a examinar sua integralidade, a articulação entre partes ou textos que o compõem num todo, levando-o a ser caracterizado como uma colônia textual<sup>6</sup>.

Para definir o que ele chama de colônia discursiva, Hoey (2001) utiliza uma metáfora, fazendo analogia com as colmeias e os formigueiros, que são constituídos de unidades independentes, sem se interconectarem em um sentido físico e a perda de uma delas (formiga ou abelha) não afetará a viabilidade da colônia. Nas colmeias e nos formigueiros, diz ele, todas as criaturas individuais servem a um fim superior; não é, no entanto, a sobrevivência do individual que importa, mas a sobrevivência da colônia.

Estamos diante de uma analogia para caracterizar o PPP como uma colônia textual e utilizaremos as mesmas propriedades que esse autor utilizou para as colônias designadas por ele de discursivas.

São atribuídas 9 (nove) propriedades dessas colônias que não se manifestam igualmente em todos os textos.

1. **Significado independente da sequência.** As seções que compõem um PPP são: capas, folha de rosto, sumário, apresentação, justificativa, missão e objetivos, perfil do aluno, estrutura curricular, recurso materiais do curso, relação com outras instituições, informações adicionais, recursos humanos, anexos e outros textos, porque não se trata de uma estrutura composicional rígida, embora algumas seções sejam imprescindíveis. Estas seções, mesmo que devam seguir uma ordem sequencial lógica, não deixarão de compor um PPP se sofreram alguma alteração dessa sequência. As abelhas, também, não têm uma ordem definida para entrar na colmeia.

---

5 Designação nossa para caracterizar a relação de um gênero com outro numa mesma constelação.

6 preferimos a expressão *colônia textual*, pelas mesmas razões já apresentadas quanto à expressão *gênero textual*, embora tenhamos tomado como referência, para esta caracterização de colônia, a explicação de Hoey (2001) e este autor designa *colônia discursiva*.

2. **As unidades adjacentes não formam prosa contínua.** São seções de textos distribuídos por itens, inclusive sumarizados. O sumário constitui uma seção do PPP.

3. **Contexto estruturado.** A colmeia é tão importante para a abelha quanto o contexto é para a colônia textual. Precisa-se de um contexto para prover condições de interpretação da colônia. Por exemplo, a introdução, a justificativa são “contextos” indispensáveis para que se compreenda o PPP, eles anunciam a razão de ser do referido gênero. Há uma estruturação das partes componentes ou das seções, que se integram, se relacionam pelos títulos dos itens.

4. **Autoria coletiva.** Cada abelha é responsável pelo funcionamento do todo da (colmeia), mesmo que o controle seja da abelha rainha. O PPP, presume-se também, que seja fruto de uma autoria coletiva, mesmo que fique sob a responsabilidade de um grupo organizador. Não há um autor nominal. Não é importante quem individualmente produziu cada parte, o que vale é que sua constituição seja produto coletivo. A anonimia faz parte de sua natureza constitutiva. Ao PPP, como aos estatutos, às constituições são dadas autoridades legitimadas de autoria.

5. **Um componente (texto/seção) pode ser usado sem fazer referência a outros.** Podemos analisar a “Apresentação” de um PPP, sem precisar fazer referência à seção da “Estrutura Curricular”. É o que vai acontecer ao longo das análises em nossa Tese de Doutorado. Serão feitos recortes de partes do PPP, para analisar as responsabilidades enunciativas e examinar a representação do papel docente a partir desses mecanismos linguístico-discursivos.

6. **Os componentes podem ser reimpressos e/ou usados novamente, talvez até para fazerem parte de outra colônia.** No caso de uma abelha que pode se afastar de suas colmeias de origem, uma unidade de uma colônia textual pode ser utilizada em outras.

7. **Os componentes podem ser acrescentados, removidos ou alterados,** dadas as atualizações, revisões e ampliações, com leis que recebem emendas. O importante é examinar se a nova alteração está de acordo com o novo ambiente do texto

8. **Muitos componentes de uma colônia têm a mesma função nesta colônia.** A maioria das seções no PPP servem para prescrever ações pedagógicas, mas são independentes. A explicitação da missão do Curso no PPP tem função diferente da

grade curricular, embora todas as seções sejam unificadas pelo propósito comunicativo de organizar o funcionamento da instituição da qual emana o PPP.

9. **Os recursos sequenciais têm o objetivo de orientar o leitor.** Uma introdução no PPP deve vir antes da justificativa e esta antes do texto que explicita o perfil do aluno a ser formado. Se há mudança na ordem dos componentes da colônia, isto pode afetar sua utilidade mas não seu significado.

Com este item, nossa perspectiva foi a de deixar clara a natureza genérica de um Projeto Político Pedagógico, entendendo-a em relação às suas caracterizações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas considerações finais com a seguinte indagação: qual a relevância dessa busca de caracterização da natureza genérica de um PPP?

Quando decidimos analisar um Projeto Político Pedagógico de Cursos de Letras de Universidades Públicas do Ceará, numa das quais atuamos como professora, uma questão que se colocava como relevante do ponto de vista metodológico se relacionava à dimensão do corpus a ser analisado. O que selecionar para o exame dos mecanismos linguístico-discursivos para chegar ao objetivo que se queria alcançar? Que critérios entrariam na escolha das partes a serem trabalhadas na Tese. Então, a visão de conjunto do gênero e do recorte das partes que precisaríamos fazer nos PPP nos levaram à necessidade de produzir um capítulo sobre este gênero para defini-lo e caracterizá-lo. Este capítulo terminou se transmutando em artigo que ora apresentamos.

Fizemos um percurso teórico, revisitando os autores citados e avaliamos, neste final do artigo, que este percurso nos valeu a pena, inclusive pelas descobertas e analogias de análises em relação a outros gêneros. Identificar, por exemplo, as caracterizações do gênero PPP como suporte específico e como inserção numa constelação nos ajuda, no momento da análise de suas condições de produção, de suas funções sociais, de seu percurso sócio-histórico, entendendo a riqueza desta atividade humana realizada pela linguagem.

Também, caracterizá-lo como colônia nos deu a visão metonímica da clara integração das partes com o todo unificado, formando metaforicamente a imagem de uma colônia na qual penetraremos com nossa Tese de Doutorado, recortando partes que

não nos distanciarão do todo do propósito comunicativo do gênero com o qual iremos trabalhar.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.C.R.de. **Os chats:** uma constelação de gêneros na internet. Tese de Doutorado- Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2006.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 2007.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G., RODRIGUES, B.B., CAVALCANTE, M.M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais.** Recife: EDUPE, 2009.

HOEY, M. **Textual interaction-** an introduction to written discourse analysis. London and New York: ROUTLEDGE, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PONTES, A. L., SANTOS, H.L.G. dos. Gêneros introdutórios em dicionários impressos. In: SOUZA, M.M.F. de, PONTES, A. L., LOPES, A. K. C., OLIVEIRA, F. C. C. de. (Org.). **Gêneros textuais:** experiências de pesquisas. Fortaleza: EDUECE, 2011.

SCHNEUWLY, B. Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. In: Y. REUTER. Les interactions lecture-écriture. Berne: Peter Lang, 1994b.

SWALES, J. M. Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, B.G., RODRIGUES, B.B., CAVALCANTE, M.M.(Org.). **Gêneros e sequências textuais.** Recife: EDUPE, 2009.

